

**PROJETO DE LEI N.º , de 2003**  
**(Do Sr. Lobbe Neto)**

Instituiu o “Dia do Pesquisador Brasileiro”.

O Congresso Nacional decreta:

Artigo 1º - Fica incluído no calendário nacional, o “Dia do Pesquisador Brasileiro”, comemorado, anualmente, no dia 22 de agosto.

Artigo 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

**JUSTIFICAÇÃO**

Conta-se que o famoso matemático inglês Michael Atiyah resolveu explicar para a sua mãe a natureza de suas atividades. Depois de ter ouvido atentamente as explicações do filho, a boa senhora teria dito: "Acho que agora entendi o que você faz; mas diga-me uma coisa, por que pagam você para isso?".

A pergunta que, segundo a anedota, a senhora Atiyah teria feito a seu filho também é feita com freqüência por políticos, por administradores e pela sociedade em geral. A pertinência de se investirem recursos públicos na pesquisa científica e tecnológica em qualquer país, mas particularmente em países em desenvolvimento como o nosso, com notáveis carências sociais, deve ser constantemente redemonstrada com argumentos novos e eloquentes. Nestes tempos em que a simples aritmética de publicações e citações começa a perder o

fôlego, é necessário recuperar os argumentos humanistas - que sustentam a nobreza da busca constante pelo conhecimento - e os pragmáticos - que mostram que a pesquisa é a base da inovação, essencial ao desenvolvimento econômico e à geração de riqueza.

Fonte: *Jornal da Unicamp - Caderno Temático Especial* (fevereiro 2002)

Através do avanço das fronteiras do conhecimento humano, a ciência proporciona aos povos que participam de fato de seu desenvolvimento uma melhor qualidade de vida. Isto é conseguido através da libertação do homem em relação às necessidades básicas de sobrevivência e da consequente sofisticação da atividade humana nos seus aspectos sociais, econômicos, culturais e artísticos. Em última instância, fazer ciência é viver na plenitude a aventura do homem sobre a terra. Os povos que não participam do desenvolvimento científico estão, em grande medida, alijados dos avanços nos padrões de qualidade de vida e são economicamente subalternos em relação aos povos que lideram os avanços do conhecimento. Reverter esta situação não é tarefa fácil, já que criar uma cultura científica exige grandes investimentos em educação e cultura, o que é dificultado pelas carências advindas da dificuldade que estas sociedades têm em criar riquezas sem o insumo principal para isso, que é o conhecimento. Encontrar maneiras de quebrar este círculo vicioso é o grande desafio das sociedades dos países em desenvolvimento como o nosso.

Numa aproximação muito grosseira, mas ilustrativa, poderíamos dizer que o mundo está hoje dividido em duas partes. Por um lado, existe o mundo tecnologicamente avançado, cuja característica principal é o alto padrão de domínio da ciência e da inovação tecnológica; por outro lado, o terceiro mundo, que não possui o domínio da ciência e da tecnologia. Em outras palavras, um primeiro mundo que pensa cientificamente, cria, inventa, produz, descobre, empresta ou sonega sua tecnologia, e um terceiro que viaja, se comunica, se diverte, trata a saúde e morre, utilizando-se das roupas, veículos, telefones, Internet, televisão, esportes, medicamentos e armas que inventa o primeiro.

Através dos meios de comunicação, o terceiro mundo só percebe a ciência nos seus aspectos mais externos: manchetes de jornal, celebrações, premiações, recepções, discurso de autoridades e congressos científicos que reúnem a fina flor da inteligência. Nesse contexto, a ciência aparece como a ferramenta miraculosa para tirar o país do

Como dito anteriormente, a Unicamp vem conseguindo um crescimento contínuo de sua produção acadêmica. Isto é também verdade para outras universidades públicas paulistas e de outros estados. O aumento da produção científica está associado ao crescimento da pós-graduação e ao financiamento da pesquisa pelas agências governamentais de fomento, particularmente no Estado de São Paulo, onde a FAPESP proporciona financiamentos de grande monta de forma estável, através de julgamentos cuidadosos por pares, feitos com base no mérito científico.

Esta realidade poderia sugerir que a situação na Unicamp, assim como em outras boas universidades públicas de nosso país - particularmente as estaduais paulistas - não seja muito diferente das boas universidades de países mais desenvolvidos e que os principais desafios já tenham sido superados. Porém, quando analisamos nossos índices de produtividade, constatamos que ainda estamos longe dos números daquelas universidades, principalmente no que se refere ao impacto de nossas publicações.

Quais seriam as razões desta disparidade? O que dificultaria nossas pesquisas e comprometeria nosso desempenho? Que problemas preocupam o jovem pesquisador que realiza um produtivo estágio de pós-doutorado no exterior, no momento de seu retorno ao Brasil? Sabe-se que uma parcela de produtivos pós-doutores brasileiros perde o brilho ao retornar à instituição de origem. Alguns produzem ciência de qualidade somente nos períodos que passam no exterior. É fato também que pesquisadores seniores

muitas vezes temem retornar ao Brasil apesar de tentadoras promessas de emprego vitalício em nossas melhores universidades.

Não é difícil para um pesquisador brasileiro, com passagens por boas universidades do exterior, enumerar uma série de problemas, na sua maioria de natureza administrativa e de infra-estrutura, que dificultam nossas atividades de pesquisa. Elas representam o equivalente ao que se convencionou chamar, nas empresas, de "custo Brasil". Neste caso, trata-se de dificuldades de organização, de cultura institucional e de infra-estrutura.

Na qualidade de representante da Região Central do Estado de São Paulo, com sede em São Carlos, podemos citar esta cidade como exemplo de formação de pesquisadores, que conta hoje com cerca de 200 mil habitantes e abriga cerca de 600 indústrias. A grande preocupação devotada à área da educação, ao longo das décadas, atribui à São Carlos o título de "Athenas Paulista". Uma política orientada a um futuro que hoje contabiliza duas universidades públicas (USP e a primeira universidade federal do Estado, a UFSCar), além de duas faculdades particulares. Ao todo, esse complexo de excelência abriga cerca de doze mil universitários e 2.500 pesquisadores. São Carlos hoje é apontada como um fenômeno em concentração de cientistas e pesquisadores: um para cada 42 habitantes. E se a estatística levar em conta a proporção de pesquisadores doutores - PhD - é não menos surpreendente: 1 pesquisador para cada 230 habitantes.

Finalmente, neste momento de dor, em que choramos a morte de 21 brasileiros na catástrofe de Alcântara-MA, todos pesquisadores do mais alto nível, é possível que alguém se pergunte: vale a pena correr os riscos da conquista do espaço? Qual é o interesse do cidadão comum em todo esse esforço, que já dura quase 20 anos, consumiu vidas preciosas, e sem previsão exata de quando o Brasil estará a caminho do infinito com foguetes e satélites produzidos. Assim, em homenagem aos pesquisadores mortos em Alcântara-MA,

escolhemos o dia 22 de agosto, como data para ser comemorada o dia do Pesquisador Brasileiro.

Um país com ciência ou apenas um país com cientistas?  
Acreditamos que os pesquisadores brasileiros são homens da ciência e cientistas , por isso, merecem o nosso apoio e dos nobres pares com a aprovação desta propostas.

Sala das Sessões, de setembro de 2003

**Deputado LOBBE NETO**